

**A Construção de objetos de discurso pela teoria  
da argumentação na língua**

---

Construction of discourse objects according to the  
theory of argumentation within language

**Cláudio Primo DELANOY\***

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS/BRASIL

**RESUMO**

A proposta deste artigo é descrever e explicar de que maneira objetos de discurso são construídos segundo a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, em sua versão da Teoria dos Blocos Semânticos. Defendemos que os objetos de discurso são elaborados a partir do próprio discurso, sem que se constituam previamente à cadeia discursiva. Justificamos nossa abordagem teórica devido a Teoria da Argumentação na Língua considerar que o sentido se constrói a partir das entidades linguísticas postas em relação. Para chegarmos aos resultados, analisamos a construção de duas personagens de uma crônica por meio das argumentações a elas atribuídas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Objetos de discurso. Teoria da Argumentação na Língua. Sentido.

\*Sobre o autor ver página 80.

**ABSTRACT**

*The purpose of this article is to describe and explain how discourse objects are built from the perspective of the Theory of Argumentation within Language, in its version of the Theory of Semantic Blocks. We argue that discourse objects are built from the discourse itself, without setting up previously to the discursive chain. We justify our theoretical approach due to the Theory of Argumentation within Language consider that the meaning is constructed through language entities put into relation. To get the results, we analyze the construction of two characters from a chronicle through the arguments attributed to them.*

**KEYWORDS:** *Discourse objects. Theory of Argumentation within Language. Meaning.*

**1 Considerações iniciais**

Com este trabalho pretendemos descrever e explicar como se dá a construção de objetos de discurso pela perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), idealizada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, sobretudo na sua terceira fase, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), de Marion Carel e Oswald Ducrot. Tomaremos por objetos de discurso aqueles que são criados pelas entidades linguísticas a partir de suas ocorrências na cadeia discursiva, o que significa que não existem previamente ao discurso. É necessário esclarecer que, embora *objetos de discurso* remeta aos estudos da Linguística Textual, não pretendemos aproximá-la da ANL, mesmo que pareça possível de certa forma. Adotamos esse nome simplesmente para designar o fenômeno de construção de entidades a partir das expressões linguísticas. Elegemos a ANL/TBS porque, segundo seus preceitos, o sentido de uma entidade ou de uma expressão linguística se dá pela relação de *interdependência semântica* que estabelece com outras entidades ou expressões. Essa relação já é prevista pelo sistema da língua, conforme o conceito da ANL de *orientação argumentativa*, quer dizer, uma entidade linguística já traz em si uma orientação para certas continuações possíveis no discurso, ao mesmo tempo em que impede outras. As noções de interdependência

semântica e de orientação argumentativa estão fundamentadas no *valor do signo linguístico*, proposto por Saussure. Pela ANL/TBS, o sentido se dá pelo próprio discurso, a partir das relações entre as entidades linguísticas, sem vínculo necessário com objetos do mundo real, conforme a proposta saussuriana.

De posse desses fundamentos, que serão desenvolvidos a seguir, iremos aplicá-los a uma crônica evidenciando como se dá a construção de objetos criados pelas entidades linguísticas (objetos de discurso), independentemente de suas referências ao mundo objetivo. Os objetos de discurso aqui considerados serão as referências a duas personagens da crônica. As retomadas dessas personagens modificam-se ao longo do discurso, constroem sentidos novos a cada ocorrência, segundo a visão dos locutores que proferem os enunciados. Assim, propomos ser inadequado considerar a menção de um referente no discurso como uma mera remissão a um ser no mundo, seja este ser de natureza real ou ficcional.

## **2 Fundamentação teórica**

Iniciamos o desenvolvimento deste trabalho lembrando que reflexões sobre a relação entre a linguagem e os objetos do mundo tiveram início na Grécia antiga, por filósofos como Platão e Aristóteles, dentre outros. Entretanto, a motivação dessas investigações não era propriamente linguística, mas filosófica: a linguagem era vista como um meio para se atingir a Verdade. Paralelamente às discussões dos notáveis filósofos quanto à natureza da linguagem, havia a prática sofística, condenada pelos perseguidores da Verdade, visto estar focada no que a linguagem podia contribuir para o convencimento do outro a respeito de um tema. Os sofistas manipulavam a linguagem com fim persuasivo e dedicavam-se ao estudo e ao ensino de práticas discursivas que ganhassem a adesão de um auditório. Enfim: pelo discurso, criavam uma realidade própria, independente da busca de uma verdade última, inquestionável. Então, apesar de serem desmerecidos pela sua própria prática, os sofistas

trouxeram à tona a propriedade de a linguagem ser usada para referir-se ao mundo, mas não de modo especular. A linguagem cria uma realidade a partir dela mesma. A linguagem não é um reflexo do mundo.

Assim, recobramos muito brevemente os primórdios dos estudos sobre a linguagem (e assumimos todos os riscos ao sermos tão superficiais). Observamos que desde as elucubrações filosóficas clássicas até a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), em 1916 (aqui tomado como um marco simbólico do nascimento da ciência linguística), percebemos um foco investigativo não propriamente linguístico, mas basicamente histórico, diacrônico, das formas evolutivas das línguas. Foi atribuído a Ferdinand de Saussure o nascimento da ciência linguística, já que o renomado linguista confere a ela corpo teórico, método e objeto de pesquisa. Em termos de CLG (e de um modo bastante amplo, de nossa parte), a língua foi adotada como objeto de estudo, sendo definida como um sistema de signos linguísticos compartilhado pela sociedade, constituindo-se, por essa razão, em um sistema homogêneo, e, portanto, passível de descrição. Além disso, foi proposto o estudo da língua sob uma abordagem sincrônica, desvinculando-a das análises históricas. Nessa perspectiva, a língua seria estudada em suas relações internas, a partir de dois eixos: o associativo, ou paradigmático, e o sintagmático. O eixo associativo se dá entre unidades comutáveis, em que um signo vincula-se a outros de alguma maneira, seja sob o ponto de vista semântico, morfológico, sintático, fonológico, etc. Já o eixo sintagmático se dá entre signos presentes na cadeia da fala (de fato, na concretização da língua, seja oralmente ou escrita). Nessa cadeia linear sintagmática, a unidade seria o signo linguístico, constituído de duas faces interdependentes: um *significante* (imagem acústica do signo) e um *significado* (sentido). Paradoxalmente, apesar de constituir-se uma unidade, o signo não tem autonomia. É somente na relação com outros signos que passa a *valer*. Assim, um signo passa a ter sentido pela relação que mantém com outros signos. Esse é o conceito de valor do signo linguístico encontrado no CLG. Também se faz importante salientar que o signo constitui-se apenas dessas duas faces, sem a presença do objeto a que se refere no

mundo. Dessa forma, o sistema de signos é tido como autônomo no que se relaciona às coisas do mundo objetivo. Justificamos essas linhas sobre o CLG porque as reflexões do mestre genebrino embasaram a ANL. Segundo Carel e Ducrot:

A ANL é uma aplicação de princípios saussurianos à semântica linguística na medida em que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua. (CAREL; DUCROT, 2005, p.11).

Vemos, então, que um dos conceitos mais caros a Ducrot e Anscombe para a elaboração da ANL é o do valor do signo, retomado pelos semanticistas como *relação*. É somente pela relação entre as entidades linguísticas que o sentido é produzido, e essa relação é argumentativa, quer dizer, pode ser expressa por meio de um encadeamento do tipo *A portanto/ no entanto B*. Essa relação já é prevista pelo sistema da língua, segundo o conceito de *orientação argumentativa*: “O valor argumentativo de uma palavra é, por definição, a orientação que essa palavra dá ao discurso.”<sup>1</sup> (DUCROT, 1990, p. 51). Quer dizer que as expressões linguísticas orientam para uma continuidade do discurso. O valor argumentativo de uma expressão é, então, o conjunto dessas possibilidades, ou impossibilidades, de continuação discursiva. Exemplificando, o enunciado *Maria é uma profissional competente* pode orientar para *então terá êxito no novo projeto*, ou *portanto não há com o que se preocupar*, dentre outras possibilidades. Percebemos uma continuação de certa forma positiva a partir do enunciado. Tanto parece ser assim que, caso o locutor prossiga o discurso com *não foi promovida*, terá de marcar essa mudança de orientação com *mas, contudo, porém*, indicando a inversão da orientação argumentativa.

Vimos então que as expressões da língua carregam em si uma orientação para a continuação do discurso. Agora, essa orientação se dá independentemente da representação que possam fazer da realidade. Conforme o exemplo que apresentamos de Maria, se ela é de fato uma profissional competente, não saberíamos precisar, senão provavelmente

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

com o auxílio de testes específicos. Mas o que importa a nós é o discurso que a define, e é a partir dele que outros discursos serão encadeados. Logo, a argumentação não está nos fatos do mundo, mas está na natureza da língua.

Para a ANL, somente ao entrarem em relação é que as expressões linguísticas produzem sentido, ou, como escreve Saussure na *Nota sobre o discurso*, são capazes de expressar “significação de pensamento” (SAUSSURE, 2004, p. 237). Fora do uso, no sistema da língua, as palavras têm conceitos isolados, que “esperam ser postas em relação entre si para que haja significação de pensamento. (SAUSSURE, 2004, p.237). Assim, por exemplo, a expressão *hoje está frio* assume um sentido próprio, particular, quando articulada a uma conclusão, como *vamos ficar em casa*. É um frio convidativo à permanência no lar. Por outro lado, se *hoje está frio* for articulado a *vamos tomar sol*, seu sentido será outro - é um frio que anima à exposição solar. Então, nesses exemplos há dois sentidos diferentes para a mesma expressão linguística, dependendo da continuação discursiva que se dá a ela. É devido a essa interdependência semântica que a ANL afirma o sentido ser argumentativo, quer dizer, o sentido de uma expressão depende da continuação que lhe é dada.

Além da relação entre signos, outros conceitos saussurianos tiveram importância no arcabouço teórico da ANL. A aplicação das relações sintagmáticas concebidas por Saussure está na noção de encadeamento argumentativo: duas proposições ligadas por um conector da natureza de *portanto* ou de *no entanto*, encadeamento que vulgarmente denominaríamos de argumento e conclusão, ou causa e consequência (o que será negado na TBS, conforme veremos). As relações paradigmáticas, no âmbito da ANL/TBS, podem ser exemplificadas por meio de encadeamentos possíveis de serem construídos a partir da orientação argumentativa de uma expressão linguística. Desse modo, o prosseguimento de *Pedro é inteligente, portanto...* seria concluído de forma positiva, como *vai conseguir o emprego, vai solucionar o problema* ou *vai ser aprovado*. Essa positividade deve-se à orientação argumentativa presente no interior de *inteligente*, que conduz a continuação do enunciado a uma conclusão dessa qualidade. Assim, as diversas sequências admissíveis a *Pedro é inteligente, portanto...* formam

um paradigma, a partir do qual uma continuação será selecionada pelo locutor. Conforme salientamos no parágrafo anterior, a escolha do segundo segmento influenciará semanticamente o primeiro, assim como o primeiro segmento já traz em si uma orientação para o segundo. Assim: ao dizermos *Pedro é inteligente, portanto vai conseguir o emprego* construímos um sentido de *inteligência para ser aprovado num processo seletivo de emprego*, ao passo que em *Pedro é inteligente, portanto vai solucionar o problema* o sentido será de *inteligência própria para a resolução de problemas*. Ora, a inteligência que propicia ser selecionado em um concurso não é a mesma, ou não tem o mesmo sentido, daquela que dá aptidão para a solução de problemas. Pretendemos, então, por essa exemplificação, mostrar a influência semântica mútua de um segmento sobre o outro para a formação do sentido, que a TBS chamará de *bloco semântico*.

A Teoria dos Blocos Semânticos é a forma atual da ANL. Segundo sua perspectiva, o sentido de uma expressão é constituído por certos discursos que essa expressão evoca. Em Carel e Ducrot (2008, p. 10) encontramos: “Dar o significado de uma expressão é associar-lhe diferentes argumentações que são evocadas por seu emprego”. Essa associação se dá em termos de encadeamentos argumentativos. A relação não se dá entre argumento e conclusão, mas entre dois segmentos articulados por um conector, segmentos interdependentes semanticamente. A rejeição dos nomes *argumento* e *conclusão* no âmbito da ANL/TBS deve-se ao uso dessas expressões pela abordagem da retórica, segundo a qual o argumento apoiar-se-ia em um princípio argumentativo que o ligaria a uma determinada conclusão. Logo, argumento e conclusão seriam entidades independentes, com sentidos completos em si. Entretanto, vemos em Ducrot:

A ideia de base é que, num encadeamento argumentativo *A donc (portanto) C*, o sentido do argumento A contém em si mesmo a indicação de que ele deve ser completado pela conclusão. Assim, o sentido de A não pode ser definido independentemente do fato de que A é visto como conduzindo a C. Não há, pois, propriamente falando, passagem de A a C, não há justificação de C para um enunciado A que seria compreensível em si mesmo,

independentemente da sequência *portanto C*. Consequentemente, não há transporte de verdade, transporte de aceitabilidade, de A até C, já que o encadeamento apresenta *portanto C* como já incluído no primeiro termo A. (DUCROT, 2009, p. 22).

Conforme a visão ducrotiana explicada acima, os segmentos suporte (que seria correspondente ao argumento) e aporte (conclusão) estão vinculados semanticamente. Ambos constroem um sentido a partir de sua relação.

O sentido, seja de uma palavra ou de um enunciado, é representado por *aspectos argumentativos*: dois segmentos ligados por um conector, sob a forma A CONECTOR B, em que A é o segmento suporte e B é o aporte. Dois tipos de conectores são adotados: o normativo DC (do francês *donc*, equivalente a *portanto, então, logo, se...então, consequentemente*, etc.), e o conector transgressivo PT (de *pourtant*, equivalente a *no entanto, porém, mas, entretanto*, etc.). Os nomes *normativo* e *transgressivo* estão ligados ao uso dos conectores DC e PT, respectivamente, e não correspondem a normas sociais.

Damos os seguintes exemplos: o sentido do enunciado *João estudou muito e com isso foi aprovado* pode ser representado pelo aspecto argumentativo normativo *estudar DC ser aprovado*. Por outro lado, a versão negativa *João estudou muito porém não foi aprovado* pode ser descrita pelo aspecto transgressivo *estudar PT não ser aprovado*.

O *bloco semântico* é o sentido resultante da interdependência entre os dois segmentos. A partir dos exemplos anteriores, temos o bloco semântico *aprovação relacionada ao estudo*, advindo da interdependência entre os segmentos suporte *estudar* e aporte *ser aprovado*. Os aspectos *estudar DC ser aprovado* e *estudar PT não ser aprovado* pertencem ao mesmo bloco semântico, mas sob duas perspectivas distintas, uma normativa e outra transgressiva. Além desses dois aspectos, outros dois são possíveis, gerados pela mudança do conector e/ou pela presença da negação, totalizando, então, quatro aspectos. Para tornar mais claro, escrevemos a seguir os quatro aspectos possíveis pertencentes ao bloco semântico *aprovação relacionada ao estudo*:

- (1) estudar DC ser aprovado
- (2) estudar PT não ser aprovado
- (3) não estudar DC não ser aprovado
- (4) não estudar PT ser aprovado

Esses quatro aspectos estabelecem relações entre si denominadas *conversão, reciprocidade e transposição*. São conversos os aspectos (1) e (2), bem como (3) e (4), em que a diferença está na alteração do conector e a presença de negação no aporte (o segundo segmento). Como já havia negação no aporte de (3), a ocorrência de dupla negação resulta do aporte positivo de (4). São recíprocos os aspectos (1) e (3), e (2) e (4), caracterizados pela manutenção do conector e da negação em ambos segmentos. Por fim, são transpostos (1) e (4), assim como (3) e (2), em que o suporte é negado e o conector é alterado. As relações entre os aspectos argumentativos assumem determinados sentidos quando materializadas no discurso. Por exemplo, a conversão está associada à negação, enquanto a reciprocidade pode indicar a presença de pressupostos. Em razão do foco deste artigo, não desenvolveremos essas questões teoricamente, mas aparecerão ao longo da análise proposta acompanhadas das devidas explicações.

### 3 Análise

O discurso a ser analisado é uma crônica em que mãe e filho discutem sobre quem deveria comer a última rabanada de um prato. O menino a requer para ele e a mãe o repreende, defendendo que a merecedora do doce seria uma visitante idosa. Nosso objetivo é analisar como as personagens Huguinho (o menino) e Dona Anita (a senhora idosa) são construídas ao longo do discurso por meio das argumentações ali presentes, que tomaremos por objetos de discurso. Veremos que as personagens não são simplesmente referenciadas a cada retomada, mas sim reconstruídas pelas argumentações, construídas pelo discurso. Analisaremos a crônica em trechos, depois faremos um apanhado dos resultados. Em cada trecho encontraremos referências às personagens por meio de argumentações. Passemos ao primeiro.

*Rabanada (L.F.Verissimo, 2012)*

*Sobrou uma rabanada. Huguinho viu que tinha sobrado uma rabanada e começou sua progressão em direção à mesa. Lentamente, a princípio, para não atrair atenções. Depois acelerando um pouco até ter a rabanada ao alcance da sua mão.*

*Estendem a mão e...*

*- Huguinho!*

*- Quié, mãe?*

*- Não toque nessa rabanada.*

*- Mas, mãe.*

*- Ofereça para a dona Anita.*

*- A dona Anita já se encheu de rabanadas.*

*- E você, quantas comen?*

*Huguinho tinha comido 10, mas não era hora de dar munição ao inimigo.*

*- Duas.*

Aqui constatamos as primeiras construções das personagens Huguinho e Dona Anita pelo discurso do menino. Percebemos que o garoto acusa Dona Anita de ter comido rabanadas demais, enquanto ele teria comido somente dois doces. Assim, ele mereceria a rabanada. Podemos explicitar esses sentidos pelos aspectos argumentativos:

*(1) ter comido demais DC neg-comer, que Huguinho relaciona a Dona Anita;*

*(2) neg-ter comido demais DC comer, relacionado a Huguinho mesmo.*

Vemos que comer o doce é tratado em relação a já tê-lo comido muito ou pouco, segundo a visão do garoto. Ambos os aspectos acima pertencem ao mesmo bloco semântico BS1 *merece comer quem comen pouco*. Os aspectos (1) e (2) são recíprocos, em que a sustentação de um deles evoca a sustentação do outro: se a senhora não deveria comer o doce porque tinha comido demais (aspecto 1), o menino mereceria a rabanada porque tinha comido poucas (aspecto 2). Então, ao argumentar por BS1, Huguinho nega o doce à visita e simultaneamente o requer para si. Ele

constrói um discurso sobre si mesmo e sobre a senhora, traduzidos pelos aspectos (1) e (2). Nossa intenção é mostrar que as personagens são concebidas conforme pontos de vista a elas relacionados, traduzidos por aspectos argumentativos: ele seria merecedor do doce, ela não. Veremos como se dá a continuação da conversa.

- Não minta. Vá oferecer pra dona Anita.

- Por quê?

- Porque ela é visita. Porque não fica bem alguém de casa comer o último pedaço, seja do que for. Porque a boa educação manda que a pessoa mais velha seja sempre melhor tratada.

Nesse segundo trecho temos o discurso da mãe do menino sustentando o doce para a visita. De fato, são construídas duas argumentações que correspondem a duas imagens distintas de Dona Anita: como *visita* e como *idosa*, traduzidas pelos aspectos (3) e (4) a seguir:

(3) *ser visita DC ser tratada com consideração*

(4) *ter mais idade DC ser bem tratada*

Podemos perceber que a personagem Dona Anita é reconstruída por argumentações distintas, que agregam sentidos a ela, não se tratando de retomadas simples. Até agora vimos a senhora ser vista como “comilona” (aspecto 1), *visita* (aspecto 3) e *idosa* (aspecto 4), em que as duas últimas imagens orientam argumentativamente para o merecimento da rabanada. Em termos teóricos, trata-se de dois blocos semânticos BS2 e BS3: *visitas devem ser tratadas com consideração* e *idosos devem ser bem tratados*, respectivamente. São essas argumentações que constroem as personagens pelo discurso; a cada argumentação temos seres discursivos distintos dos anteriores, mesmo que se refiram a um mesmo ser na narrativa. Prosseguimos.

- Quantos anos tem a dona Anita?

- Não interessa. Acho que uns 68.

- *A dona Anita está comendo rabanadas há 68 anos. Eu, só há 12.*

A idade exata de dona Anita não era de fato relevante para a argumentação de Huguinho, já que, sendo mais velha que o menino, ela teria mais tempo para comer doces. As concepções da senhora e do garoto elaboradas por Huguinho vêm de um novo bloco semântico, BS4, *ter comido mais porque tem mais idade*, representado pelos aspectos:

- (5) *ter mais idade DC ter comido mais*, relacionado a Dona Anita;
- (6) *neg-ter mais idade DC neg-ter comido mais*, relacionado a Huguinho.

Novamente o garoto argumenta sob aspectos recíprocos de um mesmo bloco semântico, em que a proposição de um aspecto leva à proposição do outro: se uma pessoa mais velha teve mais tempo para comer rabanadas, quem é mais jovem teve, obviamente, menos tempo. Nesse caso, o aspecto (5) orienta negativamente para a Dona Anita, enquanto o aspecto 6 tenta garantir a rabanada para o menino. A tentativa foi de inverter a orientação argumentativa de *ter mais idade* por meio da negação do segmento suporte e pela manutenção do aspecto normativo. Esse modo de rebater um argumento parece ser decisivo, pois ambos não se excluem entre si, quer dizer, se um aspecto é aceito, o outro também deve ser, já que a norma (aspectos em DC) é mantida. A mudança se deve unicamente ao acréscimo das negações aos segmentos. Huguinho usou seu argumento com propriedade, visto que sua mãe não deu prosseguimento discursivo nessa direção, mas serviu-se unicamente do segmento suporte *ter mais idade* para impor seu ponto de vista com a formação de novo bloco semântico. Vejamos.

- *Pois então? Ela está mais perto da morte. Tem menos tempo do que você para comer rabanadas.*

- *Mas já comeu muitas mais do que eu.*

Aqui temos duas visões distintas a respeito do tempo. Na primeira, quanto mais tempo de vida, mais oportunidades houve para comer doces.

É uma perspectiva do tempo que passou e que chega até o momento presente. Para esse modo de ver, o suporte *ter mais idade* orienta para *ter tido mais tempo para comer*, defendido por Huguinho, representado pelo aspecto (5), já citado anteriormente:

(5) *ter mais idade DC ter comido mais*

Por outro lado, na concepção da mãe do garoto, o tempo é visto como partindo do momento presente e seguindo em direção ao futuro. A argumentação traduz essa ideia por meio de:

(7) *ter mais idade DC ter menos tempo para comer.*

A expressão “*Pois então?*” dita pela mãe mostra a concordância com o primeiro segmento da argumentação usada pelo menino, ou seja, com o suporte *ter mais idade*, e não com a argumentação *ter mais idade DC ter comido mais*. A diferença residirá nos segmentos aportes. Distintamente de Huguinho, a mãe encadeia *ter mais idade* com *ter menos tempo para comer*, e assim defende a rabanada para a dona Anita. Ao colocarmos lado a lado os aspectos 5, *ter mais idade DC ter comido mais* (que aponta para o passado) e 7, *ter mais idade DC ter menos tempo para comer* (que aponta para o futuro), observamos serem pertencentes a blocos semânticos distintos: BS4 *ter comido mais porque tem mais idade*, e BS6 *ter menos tempo para comer porque tem mais idade*. Esses dois blocos semânticos construídos discursivamente evidenciam sentidos distintos à personagem Dona Anita: BS4 representa a visão do garoto, ao passo que BS6 é a perspectiva da mãe de Huguinho em relação à senhora.

- *Huguinho, pare de embromar e ofereça esta rabanada à dona Anita.*

- *Não, é sério. E se eu morrer nos próximos dois minutos?*

- *Só se for de comer tanta rabanada.*

- *Eu posso muito bem cair morto neste instante. Ou daqui a 20 anos.*

*De qualquer jeito, não terei a oportunidade de me igualar à dona Anita na quantidade de rabanadas consumidas em toda a sua vida.*

- Huguinho...

- *Eu só quero deixar claro que a proximidade da morte não pode ser critério. Teoricamente, todos aqui podem estar perto da morte. Mas há uma só rabanada.*

Aqui o tema centraliza-se na proximidade da morte como suporte para a argumentação de quem deve ganhar a rabanada. A mãe do garoto defende o seguinte aspecto, em apoio a Dona Anita:

(8) *ter idade avançada DC estar perto da morte*

Porém, Huguinho a contesta. O sentido da contestação pode ser expresso por:

(9) *neg-ter idade avançada PT estar perto da morte,*

aspecto transposto ao afirmado pela mãe, e representa a perspectiva que o garoto faz de si. Segundo o menino, qualquer um poderia morrer a qualquer instante, ou seja,

(10) *estar vivo DC ser suscetível de morrer.*

Ao dizer que aquele não poderia ser um critério para definir o merecedor do doce, Huguinho contraria a própria interdependência semântica do aspecto (8) *ter idade avançada DC estar perto da morte*, quer dizer, rejeita o bloco semântico BS7 *estar perto da morte por ter idade avançada*. Segundo ele, o suporte *ter idade avançada* não é relevante para orientar para a proximidade da morte, e o faz transgredindo a norma (por uma argumentação em PT) pelo aspecto transposto a ela. Continuamos.

- *Ai, meu Deus. Por que nós fomos botar você numa escola experimental? Qual deve ser o critério, então?*

- *Quem chegar à rabanada primeiro. E eu estava chegando.*

- *Ah é, Huguinho? A lei do mais forte, do mais rápido, do mais*

*oportunista? Onde é que ficam a consideração pelos outros, as boas maneiras, a moral e a ética? Enfim, a civilização?*

*- Acho que nenhuma forma de civilização resiste a uma última rabanada.*

*- Você não aprendeu isto nesta casa, Huguinho, e espero que não tenha aprendido na escola. Agora chega de conversa e leve esta... Rabanada! Onde está a rabanada?*

*O prato está vazio. Enquanto mãe e filho discutiam, alguém pegou a última rabanada sem ser visto. Fim de conversa.*

Já que o critério para ganhar o doce não podia ter relação com a proximidade da morte, Huguinho estabelece outro, que tem seu sentido descrito por:

*(11) chegar primeiro DC merecer o prêmio,*

o qual é criticado pela mãe do garoto. A crítica vem do sentido atribuído a *chegar primeiro*, dado pela sua argumentação *chegar primeiro DC ser oportunista*. A orientação argumentativa dada a *chegar primeiro* é negativa, na visão da mãe (“*A lei do mais forte, do mais rápido, do mais oportunista? Onde é que ficam a consideração pelos outros, as boas maneiras, a moral e a ética? Enfim, a civilização?*”), tanto é que ela concluiu não ser civilizado quem agisse daquela maneira, isto é, *ser oportunista DC neg-ser civilizado*.

Porém, Huguinho a rebate com outra argumentação por meio do aspecto *ser civilizado PT neg-resistir à rabanada*. Ao argumentar assim, Huguinho põe em cena dois aspectos de um mesmo bloco semântico em relação de conversão, em que os conectores são alterados e o segmento aporte é negado, como vemos:

*(12) ser civilizado DC resistir à rabanada, sentido assumido pela mãe;*

*(13) ser civilizado PT neg-resistir à rabanada, assumido por Huguinho;*

O aspecto argumentativo (12), normativo, está implícito no discurso: quem fosse civilizado resistiria ou deveria resistir à tentação de comer o último doce. Contudo, quando assume a transgressão, Huguinho orienta negativamente o suporte *ser civilizado*, quer dizer, o locutor opõe-se à orientação argumentativa dada pela norma. No final, parece que Huguinho tinha razão.

#### 4 Considerações finais

Buscamos, com este trabalho, descrever e explicar a construção de objetos de discurso na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, na sua fase da Teoria dos Blocos Semânticos. Nosso ponto de partida foi considerar que os objetos de discurso são construídos pelo locutor por meio do seu próprio discurso, independentemente de referências fixas a um ser determinado. Elegemos a ANL/TBS justamente porque essa abordagem investiga a construção do sentido a partir da relação entre as entidades da língua, em conformidade com os princípios saussurianos. O locutor, ao produzir linguagem, constrói uma visão a respeito de um tema, e esse ponto de vista é argumentativo, traduzido sob a forma de aspectos argumentativos. Esses aspectos argumentativos, relacionados às personagens analisadas, são o que tomamos por objetos de discurso.

As menções a Huguinho e a Dona Anita são plenas de sentidos, e não devem ser consideradas como retomadas simples de um referente. A fim de sistematizarmos nossa conclusão, elencamos, a seguir, os aspectos argumentativos relacionados ao garoto, seguidos daqueles atribuídos a Dona Anita:

Aspectos argumentativos relacionados a Huguinho:

- (2) *neg-ter comido demais DC comer,*
- (9) *neg-ter idade avançada PT estar perto da morte,*
- (10) *estar vivo DC ser suscetível de morrer.*

- (11) *chegar primeiro DC merecer o prêmio,*
- (13) *ser civilizado PT neg-resistir à rabanada*

Aspectos argumentativos relacionados a Dona Anita:

- (1) *ter comido demais DC neg-comer,*
- (3) *ser visita DC ser tratada com consideração*
- (4) *ter mais idade DC ser bem tratada*
- (5) *ter mais idade DC ter comido mais*
- (7) *ter mais idade DC ter menos tempo para comer.*
- (8) *ter idade avançada DC estar perto da morte*

Como notamos, os conjuntos de argumentações relacionadas às personagens orientam para o merecimento do último doce, seja para Huguinho, seja para Dona Anita. Ao longo da crônica, procuramos descrever os sentidos das argumentações por meio de aspectos argumentativos, que são perspectivas a respeito das personagens. Essas perspectivas podem ser consideradas como objetos de discurso, já que foram elaboradas a partir do discurso mesmo, da visão de cada locutor sobre quem seria o merecedor da última rabanada. Pensamos, então, ter confirmado nossa proposta de que as retomadas de elementos em um discurso trazem sentidos aos objetos, neste caso, às personagens da crônica. Esses sentidos vão sendo estabelecidos discursivamente, não sendo preexistentes ao discurso.

## REFERÊNCIAS

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos.** Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**. Porto alegre, v. 43, n.1, mar. 2008.

DUCROT, Oswald. **Polifonía Y Argumentación. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso.** Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 44, n.1, jan./mar. 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral.** Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Donna ZH,** 8 jan. 2012, p. 4.

*Recebido em março de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

## **SOBRE O AUTOR**

**Cláudio Primo Delanoy** é Doutor em Letras pela PUCRS e atualmente é pós-doutorando na área de Linguística na PUCRS, bolsista DOCFIX FAPERGS/ CAPES. Atua junto ao Núcleo de Estudos do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras e desenvolve atividades de pesquisa e de docência na referida universidade.

E-mail: [claudio.delanoy@pucrs.br](mailto:claudio.delanoy@pucrs.br)